

## CAMINHADA POPULAR EM HORA DE CREPÚSCULO

Tenho contado, em reuniões e homilias, a saga escrita pelo grupo de famílias faveladas, que realizou a ocupação urbana, no Bairro Metropolitano. Os restos quebrados do povo brasileiro resistindo à polícia e à justiça, instrumento de legitimação e manutenção de nossa iniquidade social. A cidadania indignada verticalizando o pescoco e levantando a cara à altura dos surpresos prepotentes. Mulheres desdentadas, vestidas em shortes miseráveis, largadas dos maridos, jogadas na vida, sobre-existindo sozinhas, deitando-se na frente dos tratores advindos para varrer seus barracos da face da sagrada propriedade particular. O Bairro Metropolitano é apenas parábola dos tantos outros grupos de pobres, ajuntados em mutirões, na conquista do barraco para morar. Só ali perto estão os mutirões de Jardim Iguaçu, Gama I, Gama II e Gama III. E agora acontece a ocupação de Morro Agudo, o mutirão Metropolitano II. Com as mesmas dificuldades, iguais truculências autoritárias e o mesmo insuspeitado heroísmo daqueles restos quebrados do povão brasileiro resistindo. Neste caso, como nos casos citados e em tantos outros, a Comissão de Justiça e Paz foi chamada a dar sua presença. Com a autoridade moral que possui, ficando no lado da comunidade ameaçada, obrigando, assim, a luta do povo a pesar e descer o prato da balança. Passada a fase heróica da ocupação, a comunidade tende a acomodar-se. Esfria o calor da solidariedade, as pessoas dão-se as costas e deixam de sentir que estão no mesmo barco; volta o cada um por si e a insensibilidade por todos. O pessoal se desmobiliza e reassume a cabeça do sistema. Escasseiam as assembleias, as comissões vão se diluindo. Multiplicam-se os casos de venda dos barraços. A pedra, carregada até em cima com

tanto esforço, cai de novo no buraco do individualismo. O pessoal vai deixando esvair-se o clima que leva à única saída possível, que é a consciência da necessidade de se manter mobilizado. Tanto esforço terá sido em vão?

Todo grupo que se organiza e caminha precisa das auto-avaliações permanentes. Tendo caminhado junto na fase heróica inicial, rejeitando veementemente o determinismo inevitável da mentalidade capitalista, instada pela solidariedade fraterna da comunhão inicial, a Comissão de Justiça e Paz pensou o seguinte: proporcionar o espaço, para que nossos mutirões se reencontrem, se auto-avaliem, replanejem os passos seguintes, se vacinem contra a desmobilização. Temos prestado esse serviço, sentido como obrigação gestada pela solidariedade nascida na luta comum dos inícios de cada mutirão. A alternativa seria o pulo cômido para fora do barco. Nossas assembleias dos mutirões começam sempre com a celebração da Palavra de Deus. Na última, refletiu-se trecho do profeta Isaías xingando seu povo. Isaías não investiu, no caso, contra os assírios que invadiram Israel, nem contra o rei Senaquerib, que levou seu povo para o exílio da Babilônia. Denunciou prioritariamente a desmobilização do povo e seu descomprometimento com o Deus único e libertador. Hoje, Isaías investiria contra nosso divisionismo interno movido por interesses menores; nossa substituição blasfema do serviço pela concorrência; a troca da unidade do povo pela briga dos grupos querendo poder. Em tal clima escurecido, ocupam espaço os bichos da noite. Nas trevas do desamor, perdemos o rumo; e o esquerdismo desvairado faz então, mais uma vez, o jogo da direita. (F.L.T.)

# A FOLHA

Publicação Litúrgica sem fins lucrativos da Mitra Diocesana de Nova Iguaçu

## IMAGEM DE SÁ FLORINDA

1. Alongo as vistas passado adentro e vejo na tranqüila São Cristóvão, de minha infância sergipana, a figura tranqüila e pura que adoçava manhãs e noites da antiga capital. De onde vinha, onde morava, nunca foram perguntas para minha infantil curiosidade. Minha preocupação era outra. Era ouvir minha Avó Sinhá ou minha Mãe dizer: Menino, vigie o dinheiro na gaveta e vá ver sá Florinda — que o Povo, num doce dialeto de influência negra, chamava de Fulorinda — que ela já passou indagorinha.

2. Não sei onde morava. Mas vejo-a, com os olhos de minha infância jamais embaçados, a figura forte, roliça, ainda nova de sá Fulorinda, levando à cabeça, de rodilha, o panelão de barro que fazia as nossas delícias. O ponto era sempre o mesmo, na praça do Convento. Chegava, acomodava-se no tamboretezinho, fixava o panelão na rodilha posta no chão e começava atender a freguesia certa de todas as manhãs e de todas as tardes. Nunca sobrava nada a quem servia na fidelidade dos santos e dos pobres.

3. De manhã, o mingau de massa puba, o melhor de São Cristóvão, de Sergipe, do Brasil, receita vinda de África no bojo de algum navio negreiro. De noite, ao cair do sereno, o munguzá feito a capricho com mão de fada. Não fazia pregão. Os fregueses certos aguardavam até sá Fulorinda nos chamar a cada um pelo seu nome, dizendo palavras de amizade enquanto as mãos ágeis manobravam a abundante colher de pau, cheia, transbordante de mingau ou munguzá. Santa e doce Fulorinda. Santa e doce negritude. (A.H.)

### LINHAS PASTORAIS

## CAMPANHA DA FRATERNIDADE DE 1988

- Este ano o Brasil comemora o centenário da libertação dos escravos. Em 13 de maio de 1888 a princesa Isabel, regente do Império, certamente mediante combinação prévia com o Pai, o imperador Pedro II, promulgava a chamada Lei Áurea que abolia a escravidão no império brasileiro.

- A data inspirou a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil a estabelecer para a Campanha da Fraternidade de 1988 o tema: "A fraternidade e o negro" com o lema: "Ouvi o clamor deste Povo".

- É um tema quente. Por vários motivos. A escravidão manchou a história do Brasil do século 16 até o final do século 19. Durante quase quatro séculos a economia e, em consequência da economia, a vida social brasileira foi construída sobre o trabalho escravo.

- Mas dizer trabalho escravo disfarça a escandalosa violentação do Povo negro, em seu corpo e em sua alma, em sua cultura e religião, em seus direitos fundamentais, em sua dignidade.

- A Campanha da Fraternidade de 1988 nos faz refletir, com mais verdade e mais cora-

gem, sobre a profanação da face de Deus na face mártir dos milhões de escravos que foram arrebanhados com violência nos sertões africanos, para serem transportados, como bichos, como animais de carga, para as plantações lucrativas do Brasil.

- Ainda não foi escrita, com objetividade e com aproveitamento da rica documentação que dorme nos arquivos, a história real da escravidão de nossos irmãos negros. Temos ainda por longo tempo uma dívida imensa a saldar para com o Povo negro que construiu e ainda constrói o Brasil.

- A Campanha da Fraternidade não joga pedras sobre os séculos coloniais, sobre a Igreja e sobre o Governo daqueles tempos. Até certo ponto compreendemos que a escravidão só foi possível num determinado contexto social e econômico. O capitalismo nascente precisava de mão-de-obra abundante e barata para se desenvolver e se impor. Isto não foi só no Brasil. Diretamente se deixaram envolver quase todos os Povos da Europa, do século 15 até o século 19. Toda a civilização

europeia tem assim uma dívida imensa a amortizar.

- A intenção da CNBB e da Campanha da Fraternidade não é despertar luta de negros contra brancos, mas levar-nos todos nós que somos Igreja — Igreja de irmãos — a reparar alguma coisa do mal cometido contra nossos irmãos negros, escravos no tempo da colônia e do império, e também no período republicano até o dia de hoje, apesar de serem oficialmente livres.

- O material oferecido pela CNBB é excelente. Mas o tema despertará certamente as mais diversas contribuições, inclusive algumas que procuram negar ou atenuar o pecado social que cometemos contra os irmãos de África. Não é deformando a verdade que devemos fazer história, e muito menos história da salvação.

- O Evangelho de Jesus Cristo nos convida a pedir perdão pelo mal cometido durante tantos séculos. Pedimos perdão aos irmãos de cor preta que vivem e sofrem no Brasil. E diante de Deus tentamos os caminhos da grande reconciliação e reparação. (A.H.)

## 1º DOMINGO DA QUARESMA (21-02-1988)

C = Comentador; L = Leitor; P = Povo; S = Sacerdote; Sl = Salmista; \* = Indica que se pode usar outro texto.  
Cânticos: Missa "OUVI O CLAMOR DESTE POVO", CF-88, CNBB (Canto da Comunhão: música de Francisco José Silva — Nilópolis, Diocese de N. Iguaçu).

### RITO INICIAL

#### 1 CANTO DE ENTRADA

  
1. Olha, que eu vim lá de longe,  
perdendo raízes, enchendo porões.  
Olha, cruzei tantos mares, pisei  
novas terras, sofrendo grilhões.  
Mas, meu canto bonito / nem dor, nem corrente jamais abafou. / Pois, ser livre eu queria / meu Deus, é a força de quem confiou.  
2. Olha, vendido em leilão, moído em enge-  
nhos, plantei meu suor. Olha, nos campos  
roçados reguei com meu sangue meu sonho  
maior.  
3. Olha, eu venho sofrido, com todo opri-  
mido, cantar sem temor. Olha, que vem tempo  
novo, trazer para o povo um dia melhor.  
4. Olha, rompendo correntes pra nós, libe-  
rdaço enfim vai chegar. Olha, trazendo espe-  
rança o Deus da Aliança nós vamos cantar.

#### 2 SAUDAÇÃO

S. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

P. Amém!

S. Irmãos, eis que o Senhor vem fazer Aliança conosco: Ele se compromete nunca mais destruir os homens! O arco-íris é o sinal desta Aliança.

P. Bendito e louvado seja Deus / que ama e se compadece de seu povo!

S. O Deus, que espera com paciência a nossa conversão; o Cristo que morreu uma vez por causa dos pecados; e a vida nova do Espírito Santo estejam convosco.

P. Bendito seja Deus / que nos reuniu no amor de Cristo!

#### \* 3 SENTIDO DA CELEBRAÇÃO

C. Iniciamos novo tempo litúrgico. Tempo de recomeço, tempo de repensar. É preciso coragem para enfrentar o que está errado e procurar corrigir. Acomodar-se não é caminho do cristão! Quando estivermos conscientizados da responsabilidade por levar a todos novos valores de conversão e reconciliação, transformaremos a humanidade pelo amor e estaremos mais próximos do Reino de Deus. Caminhemos com Jesus, em seu momento de Paixão e Cruz, e caminhemos com a Igreja do Brasil, nesta Campanha da Fraternidade, que tem por tema o Negro. Vivamos o apelo de Deus, contido no lema da Campanha: "OUVI O CLAMOR DESTE POVO!"

#### 4 ATO PENITENCIAL

S. Irmãos, o Batismo é compromisso com Deus e com os irmãos. Peçamos ao Pai que abençoe esta água — que aspergida sobre nós — dê o conhecimento e a vivência da igualdade fraterna. (Momento de silêncio).

S. Oremos: (estende a mão sobre a água) Senhor Deus todo-poderoso, fonte e origem de toda a vida, abençoa (†) esta água que vamos usar confiantes, para implorar o perdão dos nossos pecados e alcançar a proteção de vossa graça.

P. Bendito sejas, Senhor, para sempre!

S. Concede-nos, ó Deus, que, por vossa misericórdia, jorrem sempre para nós as águas

da salvação. Assim, possamos nos aproximar de vós com o coração puro. Por Cristo nosso Senhor.

P. Amém!

S. A Aliança, que o Senhor fez conosco, se renove e nos converta, nesta água, que nos recorda o nosso Batismo. (Asperge a si mesmo e aos fiéis).

P. Pelo Batismo fui chamado a cooperar na salvação, Deus quer de mim que, livremente, eu lhe responda sim ou não!

A vocação da Igreja, aqui na terra, é isto: continuar, continuar no tempo a salvação de Cristo!

#### 5 COLETA

S. Oremos: Concedei-nos, ó Deus onipotente, que, ao longo desta Quaresma, possamos progredir no conhecimento de Jesus Cristo. Daí-nos corresponder ao seu amor, através de engajamento sempre maior na libertação de nossos irmãos. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

P. Amém!

### LITURGIA DA PALAVRA

#### 6 PRIMEIRA LEITURA

 C. Se hoje nos deparamos com tanta violência, é porque nos esquecemos da Aliança que o Senhor fez conosco. Olhando o arco-íris, não lembramos mais que ele é sinal da promessa de Deus de não destruir os homens.

L. Leitura do Livro do Gênesis (9,8-15). — "Deus disse a Noé e aos filhos que estavam com ele: "De minha parte, vou firmar minha aliança com vocês e com os seus descendentes, com todos os animais vivos que estão com vocês, aves, animais domésticos e selvagens, enfim, com todos os animais da terra que saíram com vocês da arca. Firmo com vocês a minha aliança: nenhum ser que respira será novamente exterminado pelas águas de um dilúvio e não haverá mais dilúvio para destruir a terra". E Deus disse: "Este é o sinal da aliança que coloco entre mim e vocês e todos os animais vivos que estão com vocês, por todas as gerações futuras. Ponho meu arco nas nuvens, como sinal da aliança entre mim e a terra. Quando eu cobrir de nuvens a terra, aparecerá o arco-íris. Então me lembrarei de minha aliança com vocês e com todas as espécies de animais vivos, e as águas nunca mais virão como dilúvio para destruir todo ser que respira". — Palavra do Senhor. — P. Graças a Deus!

#### 7 SALMO DE MEDITAÇÃO

(Sl 24)

C. Deus sempre cumpre as promessas que faz. Nós é que somos infiéis, rompemos a Aliança. Cantemos ao Deus que nos perdoa e nos salva:

"Ouvi deste povo oprimido o clamor / e vim libertá-lo", nos diz o Senhor.

Sl. 1. Mostrai-me, ó Senhor, vossos caminhos / e fazei-me conhecer a vossa estrada! / Vossa verdade oriente e me condza / porque sois o Deus da minha salvação.

2. Recordai, Senhor, meu Deus, vossa ternura / e a vossa compaixão que são eternas! / De mim lembrai-vos, porque sois misericórdia / e sois bondade sem limites, ó Senhor!

3. O Senhor é piedade e retidão / e reconduz ao bom caminho os pecadores. / Ele dirige os humildes na justiça / e aos pobres ele ensina o seu caminho.

#### 8 SEGUNDA LEITURA

C. Cristo é imolado na cruz, aceitando os pecados dos que deviam ser sementes de uma nova humanidade.

L. Leitura da 1ª Carta de São Pedro Apóstolo (3,18-22). — "Caríssimos, Cristo morreu uma vez por causa dos pecados, — o justo pelos injustos —, a fim de os conduzir para Deus. Sofreu a morte em seu corpo, mas recebeu nova vida pelo Espírito. N'Ele foi também pregar aos espíritos em prisão, isto é, aos que foram incrédulos antigamente, quando, no tempo de Noé, Deus esperava com paciência, enquanto Noé construía a arca. Nesta arca poucas pessoas, isto é, oito, foram salvas por meio da água. Aquilo que lhe corresponde é o batismo que agora salva vocês; ele não elimina uma sujeira corporal, mas é o pedido de uma boa consciência para com Deus pela ressurreição de Jesus Cristo. Ele subiu ao céu e está à direita de Deus, depois que lhe foram submetidos anjos, dominações e potestades". — Palavra do Senhor. — P. Graças a Deus!

#### 9 CANTO DE ACLAMAÇÃO



Jesus Cristo, és bendito; és ungido, vem falar! Vem remir-nos do pecado e oprimidos libertar!

Sl. O homem não vive somente de pão / mas de toda a palavra da boca de Deus!

#### 10 EVANGELHO

C. "Convertam-se e creiam no Evangelho! É a alavanca para os que se sentem abandonados, humilhados e marginalizados.

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós!

S. Evangelho de Jesus Cristo segundo Marcos (1,12-15).

P. Glória a vós, Senhor!

S. "Naquele tempo, o Espírito levou Jesus para o deserto. E ele ficou no

deserto durante quarenta dias e ali foi tentado por Satanás. Vivia entre os animais selvagens e os anjos o serviam. Depois que João Batista foi preso, Jesus foi para a Galiléia, pregando o Evangelho e dizendo: "O tempo já se cumpriu e o Reino de Deus está próximo. Convertam-se e creiam no Evangelho!" — Palavra da Salvação. — P. Louvor a vós, ó Cristo!

## \* 11 PREGAÇÃO — PARTILHA

## 12 PROFISSÃO DE FÉ

S. Creio em Deus Pai todo-poderoso.  
P. Criador do céu e da terra. / E em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor, / que foi concebido pelo poder do Espírito Santo / nasceu da Virgem Maria / padeceu sob Pôncio Pilatos / foi crucificado, morto e sepultado / desceu à mansão dos mortos / ressuscitou ao terceiro dia / subiu aos céus, / está sentado à direita de Deus Pai todo-poderoso / donde há de vir a julgar os vivos e os mortos. / Creio no Espírito Santo / na santa Igreja católica / na comunhão dos santos / na remissão dos pecados / na ressurreição da carne / na vida eterna. Amém.

## \* 13 ORAÇÃO DOS FIÉIS

S. Elevemos nossos pedidos a Deus, para que nunca desanimemos no compromisso de transformação da sociedade:  
L1. Pela Igreja, santa e pecadora, tentada como Cristo no deserto, para que não se deixe vencer pela tentação do poder, rezemos ao Senhor:

P. O Senhor, escuta a nossa prece!

L2. Por todos nós, para que a Campanha da Fraternidade desperte, em nossos corações, a contrição dos nossos pecados e reforce o compromisso do nosso batismo, rezemos ao Senhor:

L3. Por todo povo cristão, para que, neste tempo sagrado da quaresma, se alimente, com maior abundância de toda palavra que sai da boca de Deus, rezemos ao Senhor:

L4. Para que, cada vez mais, sejamos capazes de encontrar no outro o irmão criado à imagem e semelhança de Deus nosso Pai, evitando assim discriminação ou racismo, rezemos ao Senhor:

(Outras intenções da comunidade...).

S. Escutai, ó Deus, nossos pedidos. Que eles correspondam à vossa vontade e ao nosso desejo de construir a fraternidade. Atendei-nos pelos méritos de Jesus Cristo, vosso Filho, nosso Irmão e Senhor nosso.

P. Amém!

## LITURGIA EUCARÍSTICA

## 14 CANTO DAS OFERTAS

Trazemos no vinho e no pão a história do povo sofrido, do negro e de todo oprimido, lutando por liberdade.

1. Ouvi o clamor deste povo, sofrendo, sem ter liberdade, que insiste em criar mundo novo, fundado na fraternidade!

3 — A Folha — Nº 843

2. Ouvi deste povo o clamor, da negra mulher explorada, buscando justiça e amor, em terra de paz tão sonhada!
3. Ouvi o clamor deste povo na oferta do vinho e do pão! Mandai-nos o Espírito novo do amor, que liberta o irmão!

## 15 ORAÇÃO DAS OFERTAS



S. Orai, irmãos, para que o nosso sacrifício seja aceito por Deus Pai todo-poderoso.

P. Receba o Senhor por tuas mãos este sacrifício / para a glória do seu nome / para o nosso bem e de toda a santa Igreja.

S. Fazei, ó Deus, que nosso coração corresponda a estas ofertas, com as quais iniciamos nossa caminhada para a Páscoa. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

P. Amém!

## 16 ORAÇÃO EUCARÍSTICA



(Prefácio próprio):

(A Oração Eucarística compete ao sacerdote somente. Após a consagração):

S. (canta): Eis o mistério da Fé!  
P. (canta): Toda vez que se come deste Pão / toda vez que se bebe deste Vinho / se recorda a Paixão de Jesus Cristo / e se fica esperando a sua volta. Vem, ó Senhor! Vem, ó Senhor! Vem, Senhor Jesus, vem!

## 17 CANTO DA COMUNHÃO



*Antífona: A CAMINHO DO ALTAR, O SENHOR, VAI TEU POVO EM CONFIANTE ORAÇÃO. POIS TU OUVESES DO POBRE O CLAMOR POR JUSTIÇA E POR LIBERTAÇÃO.*

Vem, Senhor, com teu vinho e teu Pão, dar ao povo união e vigor, para o negro libertar-se da opressão e vivermos a justiça e o amor!

1. Quanto ídolo, quanta mentira que nos fazem viver na opressão! Da presença de Deus nos retiram, nos afastam do amor ao irmão.

2. Transfigura, ó Senhor, nossa vida e nos faze viver como irmãos: não teremos mais gente oprimida, nunca mais haverá escravidão!

3. Este templo de pedra onde estamos, ao qual damos tão grande valor, é bem menos que o irmão que deixamos, por racismo, sem nosso amor.

4. Cristo traz para o mundo sua luz, torna a fé julgamento perfeito; não partilha do amor de Jesus quem se fecha em qualquer preconceito.

5. Todo grão que na terra plantamos, se morrer muitos frutos dará. Todo amor que no mundo espalhamos, faz viver, promover, libertar.

## 18 AÇÃO DE GRAÇAS



S. Oremos: Ó Deus, vós nos alimentastes com este Pão que nutre a fé, incentiva a esperança e fortalece a caridade. Dai-nos desejar o Cristo, Pão vivo e verdadeiro, e a buscar a fraternidade que liberta. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

P. Amém!

## RITO FINAL

### \* 19 MENSAGEM PARA A VIDA

(Após as comunicações de interesse para a comunidade):

C. No espírito da Campanha da Fraternidade, vamos procurar encontrar novos valores nos membros de nossa comunidade, sem rotulá-los pela posição social, financeira, ou diferença de cor.

### 20 BÊNÇÃO FINAL

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós!

S. Que o Deus de toda consolação disponha na sua paz os vossos dias e vos conceda suas bênçãos.

P. Assim seja! Amém!

S. Sempre vos liberte de todos os perigos e confirme os vossos corações em seu amor.

P. Assim seja! Amém!

S. E assim, ricos em esperança, fé e caridade, possais viver praticando o bem e chegar felizes à vida eterna.

P. Assim seja! Amém!

S. A bênção de Deus todo-poderoso, Pai e Filho e Espírito Santo, desça sobre vós e permaneça para sempre.

P. Amém!

S. Vamos em paz e o Senhor nos acompanhe.

P. Amém!

### 21 CANTO DE SAÍDA

Somos gente nova vivendo a união, somos povo semente de nova nação, eh! eh! Somos gente nova vivendo o amor, somos comunidade, povo do Senhor, eh! eh!

1. Vou convidar meus irmãos trabalhadores, operários, lavradores, biscoiteiros e outros mais, e juntos vamos celebrar a confiança, nossa luta na esperança de ter terra, pão e paz, eh! eh!

2. Convido os negros, irmãos no sangue e na sina, seu gingado nos ensina a dança da redenção. De braços dados no terreiro da irmandade, vamos sambar de verdade, enquanto chega a razão, eh! eh!

3. Vou convidar crianças e juventude, tocadores me ajudem, vamos cantar por aí. O nosso canto vai encher todo País, velho vai dançar feliz, quem chorou vai ter que rir, eh! eh!

4. Desempregados, pescadores, desprezados e os marginalizados venham todos se ajuntar à nossa marcha pra nova sociedade, quem nos ama de verdade, pode vir tem um lugar, eh! eh!

## LEITURAS PARA A SEMANA:

2<sup>a</sup>-feira: 1Pd 5,1-4; Mt 16,13-19 (Catedra de S. Pedro). / 3<sup>a</sup>-feira: Is 55,10-11; Mt 6,7-15. / 4<sup>a</sup>-feira: Jn 3,1-10; Lc 11,29-32. / 5<sup>a</sup>-feira: Est 14,1,3-5.12-14; Mt 7,7-12. / 6<sup>a</sup>-feira: Ez 18,21-28; Mt 5,20-26. / Sábado: Dt 26,16-19; Mt 5,43-48. / Domingo: Gn 22,1-2.9-18; Rm 8,31b-34; Mc 9,1-9.

# BRINCAR NA PRESENÇA DE DEUS

José Pedro de Alcântara

Um relógio de pêndulo: assim é a nossa vida. Alternam-se alegria e chateação, entusiasmo e desânimo. Há dias em que nos sentimos ótimos, outros podres. Há épocas de agitação, outras de recolhimento. Como o tempo, abrimo-nos no júbilo de uma manhã de sol praeiro, ou recolhemo-nos na bruma silenciosa de tarde montanhosa.

Este movimento pendular se exprime na religião e na cultura: há épocas de festa e épocas de penitência. Há o ordinário e o extraordinário. Ninguém suporta ficar sério o tempo todo. A monotonia do cotidiano oprime. A sisudez contínua é psicologicamente funesta e evanglicamente errada. Afinal, somos apenas criaturas, filhos menores do Pai celeste e res-

ponsáveis apenas por aquilo que está ao alcance de nossos olhos e de nossa consciência. O humor, o otimismo, a descontração são atitudes fundamentalmente cristãs.

Quaresma vem depois do Carnaval. As duas épocas são vistas por muitos de forma distorcida. Numa se pode tudo, noutra nada. A ilimitada expansão da carne seguir-se-ia uma cuidadosa cultura do espírito. No Carnaval soltam-se os demônios e prendem-se os anjos. Na Quaresma tenta-se prender os instintos e re-encontrar os bons sentimentos.

Ora, para o cristão, todo e qualquer tempo é tempo de Deus. Na descontração e na penitência andamos em sua presença. O pêndulo

de nossa vida, os movimentos alternados de coração, as épocas à direita e à esquerda do nosso cotidiano são saudáveis e queridas por Deus. Há louvor no folgar e no trabalhar, no pular e no rezar, no expandir-se e no penitenciar-se. Diante de Deus somos crianças que na sua espontaneidade riem e choram. O que quer que façamos, façamos com naturalidade e alegria. Deus detesta a tristeza e o amor forçado. É a atmosfera de nosso relacionamento com Deus que nos indicará o certo e o errado, o conveniente e o inconveniente. É a luz de seu rosto que vivemos, somos, amamos e pedimos perdão quando erramos.

## EM TORNO DA LITURGIA

### AS VESTES LITÚRGICAS

Frei Alberto Beckhäuser, OFM

"Na Igreja, que é o Corpo de Cristo, nem todos os membros desempenham a mesma função. Esta diversidade de ministérios se manifesta exteriormente no exercício do culto sagrado pela diversidade das vestes litúrgicas, que por isso devem ser um sinal da função de cada ministro. Convém que as vestes litúrgicas contribuam para a beleza da ação sagrada" (Cf. Instr., n. 297).

A *alva* é a veste comum aos ministros de qualquer grau, cingida à cintura pelo *cíngulo*. Antes de vestir a alva, põe-se o *amito*, caso a alva não encubra completamente as vestes comuns que circundam o pescoço (Cf. Instr., n. 298).

"A não ser que se disponha de outro modo, a veste própria do sacerdote celebrante, tanto na Missa como em outras ações sagradas em conexão com ela, é a *casula* ou *planeta* sobre

a alva e a estola" (n. 299). A CNBB na XII Assembléia Geral de 1971 aprovou a substituição do conjunto alva e casula por *túnica ampla*, de cor neutra, com estola da cor do tempo ou festa. Insiste-se que seja *túnica ampla*. Além disso, a forma tradicional não foi abolida e certamente fica bem em solenidades maiores.

A *estola* é um paramento litúrgico em forma de tira comprida. É colocada no ombro esquerdo, a tiracolo, pelo diácono, pendente dos ombros pelo presbítero e o bispo. É distintivo do ministro ordenado.

A veste própria do diácono é a *dalmática* sobre a alva e estola. A dalmática é a veste litúrgica superior do diácono. Hoje não é muito usada, preferindo-se, em geral, a *túnica* com a estola a tiracolo.

A *capa*, *pluvial* ou *capa de asperges* é usada pelo sacerdote nas procissões e outras ações sagradas, como por exemplo no casamento no batismo e nas bênçãos do Santíssimo. Os ministros inferiores ao diácono podem trair alva ou outra veste legitimamente aprovada em cada região. Em muitos lugares os ministros extraordinários da Comunhão usam uma *opa* e as senhoras, às vezes, uma *capinha*. Realmente fica bem.

Temos ainda a *sobrepeliz*, veste branca e ampla, com mangas largas, para ser usada sobre a batina ou hábito religioso, por todos os ministros, substituindo a alva na celebração dos sacramentos, procissões e outras ocasiões semelhantes.

O véu de ombros é usado pelo sacerdote ou diácono para a bênção do Santíssimo e o seu transporte solene.

### NEGRO, EDUCAÇÃO E DESIGUALDADE SOCIAL

Carlos Mesters

O grau de escolarização de brancos e negros reforça a situação de desigualdade em que se encontra a população negra brasileira. O índice de analfabetismo da população negra economicamente ativa supera em mais de duas vezes o mesmo índice referente à população branca. Na mesma lógica, a média de anos de estudo dos brancos (4,8 anos) é muito superior à mesma média para os negros (2,1 anos) e os pardos (2,8 anos). Por outro lado, enquanto 9,1% da população branca têm 10 ou mais anos de escolarização, apenas 1,1% da população negra e 2,7% da parda alcançam os mesmos níveis de escolaridade. Dados mais recentes, retirados do censo de 1980, confirmam essa realidade, ao mostrar que 20% da população branca aparece na categoria de "sem instrução ou com menos de um ano de estudo", enquanto 41% dos negros e 39% dos pardos se encontram nessa mesma categoria. Com 9 anos ou mais de escolaridade, aparecem 16% dos brancos, 6% dos pardos e apenas 4% dos negros. Para além dos dados quantitativos, vale observar que, via de regra, o ensino oferecido às camadas pobres da população, onde o número de negros é mais elevado, é de qualidade

nitidamente inferior. Além disso, pesquisas recentes mostram a presença de uma visão preconceituosa em relação ao negro na prática escolar quotidiana, nos conteúdos transmitidos e em não poucos instrumentos didáticos. Entre esses últimos, muitos livros de textos reforçam a posição de inferioridade do negro. Nos livros de história do Brasil, marcadamente escritos na perspectiva do branco, o negro aparece quase exclusivamente associado à escravidão. Isso leva a confundir sua identidade com a condição de escravo a que foi historicamente submetido. Reforça-se, assim, nos alunos, a idéia de que o negro é igual a escravo e, portanto, é inferior. Numa leitura da história em que são considerados protagonistas apenas os heróis, na ótica do colonizador, as referências a personalidades negras são quase inexistentes. Poucos textos didáticos tratam, com alguma profundidade, fenômenos tão significativos como o quilombismo, o sentido da resistência de Palmares ou figuras de líderes como Zumbi.

Por outro lado, as manifestações de raiz africana no complexo mundo cultural brasileiro costumam ser reduzidas a aspectos vistos como periféricos ou folclóricos, tais como as con-

tribuições lingüísticas, musicais e de hábitos alimentares. No universo cultural construído ideologicamente como europeu e branco, os traços negros são tidos como subcultura e expressão do exótico. Os padrões dominantes de beleza, cultura e civilidade são brancos. Este ideal omite, quase totalmente, a especificidade de outras identidades culturais como, por exemplo, a indígena e, sobretudo, a negra. Os meios de comunicação social, de grande poder na veiculação de valores culturais e na formação de opinião pública, confirmam esse reducionismo. Basta lembrar o exemplo das novelas, reportagens e filmes. Neles, os negros aparecem quase sempre em funções subalternas, especialmente como empregados domésticos ou em papéis secundários. Com muita frequência sua presença é relacionada com atos anti-sociais. A Campanha da Fraternidade será uma excelente ocasião para tomarmos consciência e eliminar os conteúdos preconceituosos de um racismo difuso, presente em nosso linguajar e em nossas atitudes quotidianas. Para discutir nos grupos: 1. Você acha que é verdade o que as escolas ensinam sobre o negro? 2. O que podemos fazer para difundir a verdadeira história do negro?